

NÃO GOSTO TANTO

Não gosto tanto
de livros
como Mallarmé
parece que gostava
eu não sou um livro
e quando me dizem
gosto muito de seus livros
gostava de poder dizer
como o poeta Cesariny
olha
eu gostava
é que tu gostasses de mim
os livros não são feitos
de carne e osso
e quando tenho
vontade de chorar
abrir um livro
não me chega
preciso de um abraço
mas graças a Deus
o mundo não é um livro
e o acaso não existe
no entanto gosto muito
de livros
e acredito na Ressurreição
dos livros
e acredito que no Céu
haja bibliotecas
e se possa ler e escrever.

ADÍLIA LOPES

DANSE RUSSE

If I when my wife is sleeping
and the baby and Kathleen
are sleeping
and the sun is a flame-white disc
in silken mists
above shining trees,—
if I in my north room
dance naked, grotesquely
before my mirror
waving my shirt round my head
and singing softly to myself:
“I am lonely, lonely.
I was born to be lonely,
I am best so!”
If I admire my arms, my face,
my shoulders, flanks, buttocks
against the yellow drawn shades,—

Who shall say I am not
the happy genius of my household?

WILLIAM CARLOS WILLIAMS

NORTH AMERICAN TIME

Complete version available here:
<https://bit.ly/3ERxEB4>

ADRIENNE RICH

EL MOMENTO MÁS GRAVE DE LA VIDA

Un hombre dijo:

—El momento más grave de mi vida estuvo en la batalla del Marne, cuando fui herido en el pecho.

Otro hombre dijo:

—El momento más grave de mi vida, ocurrió en un maremoto de Yokohama, del cual salvé milagrosamente, refugiado bajo el alero de una tienda de lacas.

Y otro hombre dijo:

—El momento más grave de mi vida acontece cuando duermo de día.

Y otro dijo:

—El momento más grave de mi vida ha estado en mi mayor soledad.

Y otro dijo:

—El momento más grave de mi vida fue mi prisión en una cárcel del Perú.

Y otro dijo:

—El momento más grave de mi vida es el haber sorprendido de perfil a mi padre.

Y el último hombre dijo:

—El momento más grave de mi vida no ha llegado todavía.

CÉSAR VALLEJO

OS OMBROS SUPORTAM O MUNDO

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo
prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



DÉCIO PIGNATARI. ORGANISMO.

A INVENÇÃO DO DIA CLARO (EXCERTO)

Entrei numa livraria. Puz-me a contar os livros que ha para ler e os anos que terei de vida. Não chegam, não duro nem para metade da livraria. Deve certamente haver outras maneiras de se salvar uma pessoa, senão estou perdido.

No entanto, as pessoas que entravam na livraria estavam todas muito bem vestidas de quem precisa salvar-se.

* * * * *

Comprei um livro de filosofia. Filosofia é a sciencia que trata da vida; era justamente do que eu necessitava—pôr sciencia na minha vida. Li o livro de filosofia, não ganhei nada, Mãe! não ganhei nada. Disseram-me que era necessario estar já iniciado, ora eu só tenho uma iniciação, é esta de ter sido posto neste mundo á imagem e semelhança de Deus. Não basta?

* * * * *

Imaginava eu que havia tratados da vida das pessoas, como ha tratados da vida das plantas, com tudo tão bem explicado, assim parecidos com o tratamento que ha para os animaes domesticos, não é? Como os cavalos tão bem feitos que ha!

Imaginava eu que havia um livro para as pessoas, como há hostias para cuidar da febre. Um livro com tanta certeza como uma hostia. Um livro pequenino, com duas paginas, como uma hostia. Um livro que dissesse tudo, claro e depressa, como um cartaz, com a morada e o dia.

* * * * *

Não achas, Mãe? Por exemplo. Ha um cão vadio, sujo e com fome, cuida-se deste cão e ele deixa de ser vadio, deixa de estar sujo e deixa de ter fome. Até as crianças já lhe fazem festas.

Cuidaram do cão porque o cão não sabe cuidar de si—não saber cuidar de si é ser cão.

Ora eu não queria que cuidassem de mim, mas gostava que me ajudassem, para eu não estar assim, para que fosse eu o dono de mim, para que os que me vissem dissessem: Que bem que aquele soube cuidar de si!

* * * * *

Eu queria que os outros dissessem de mim: Olha um homem! Como se diz: Olha um cão! quando passa um cão; como se diz: olha uma arvore! quando ha uma arvore. Assim, inteiro, sem adjectivos, só de uma peça: Um homem!

* * * * *

Mas eu andei a procurar por todas as vidas uma para copiar e nenhuma era para copiar.

Como o livro, as pessoas tinham principio, meio e fim. A principio o livro chamava-me, no meio o livro deu-me a mão, no fim fiquei com a mão suada do livro de me ter estendido a mão.

Talvez que nos outros livros... mas os titulos dos livros são como os nomes das pessoas—não quere dizer nada, é só para não se confundir...

* * * * *

Na montra estava um livro chamado «O lial conselheiro». Escrito antigamente por um Rei dos Portuguezes! Escrito de uma só maneira para todas as especies de seus vassalos!

Bemdito homem que foi na verdade Rei! O Mestre que quere que eu seja Mestre!

Eu acho que todos os livros deviam chamar-se assim: «O lial conselheiro»! Não achas, Mãe?

O Mestre escreveu o que sabia—por isso ele foi Mestre. As palavras tornaram presentes como o Mestre fazia atenção. Estas palavras ficaram escritas por causa dos outros também. Os outros aprendiam a ler para chegarem a Mestres—era com esta intenção que se aprendia a ler antigamente.

* * * * *

Sonhei com um país onde todos chegavam a Mestres. Começava cada qual por fazer a caneta e o aparato com que se punha á escuta do universo; em seguida, fabricava desde a materia prima o papel onde ia assentando as confidencias que recebia diretamente do universo; depois, descia até ao fundo dos rochedos por causa da tinta negra dos chócos; gravava letra por letra o tipo com que compunha as suas palavras; e arrancava da arvore a prensa onde apertava com segurança as descobertas para irem ter com os outros. Era assim que neste país todos chegavam a Mestres. Era assim que os Mestres iam escrevendo as frases que hão-de salvar a humanidade.

* * * * *

Quando eu nasci, as frases que hão-de salvar a humanidade já estavam todas escritas, só faltava uma coisa—salvar a humanidade.

- O pequeno é como o grande.
- O que está em cima é analogo ao que está em baixo.
- O interior é como o exterior das coisas.
- Tudo está em tudo.

ALMADA NEGREIROS

MY LOVER IS A WOMAN

I.

my lover is a woman
& when i hold her
feel her warmth
 i feel good
 feel safe

then—i never think of
my family's voices
never hear my sisters say
bulldaggers, queers, funny
 come see us, but don't
 bring your friends
 it's ok with us,
 but don't tell mama
 it'd break her heart
never feel my father
turn in his grave
never hear my mother cry
Lord, what kind of child is this?

II.

my lover's hair is blonde
& when it rubs across my face
it feels soft
 feels like a thousand fingers
 touch my skin & hold me
 and i feel good

then—i never think of the little boy
who spat & called me nigger
never think of the policemen
who kicked my body & said crawl

never think of Black bodies
hanging in trees or filled
with bullet holes
never hear my sisters say
white folks hair stinks
don't trust any of them
never feel my father
turn in his grave
never hear my mother talk
of her backache after scrubbing floors
never hear her cry
Lord, what kind of child is this?

III.

my lover's eyes are blue
& when she looks at me
i float in a warm lake
 feel my muscles go weak with want
 feel good
 feel safe

then—i never think of the blue
eyes that have glared at me
moved three stools away from me
in a bar
never hear my sisters rage
of syphilitic Black men as
guinea pigs
 rage of sterilized children
 watch them just stop in an
 intersection to scare *the old*
 white bitch
never feel my father turn
in his grave
never remember my mother
teaching me the yes sirs & ma'ams
to keep me alive

never hear my mother cry
Lord, what kind of child is this?

IV.

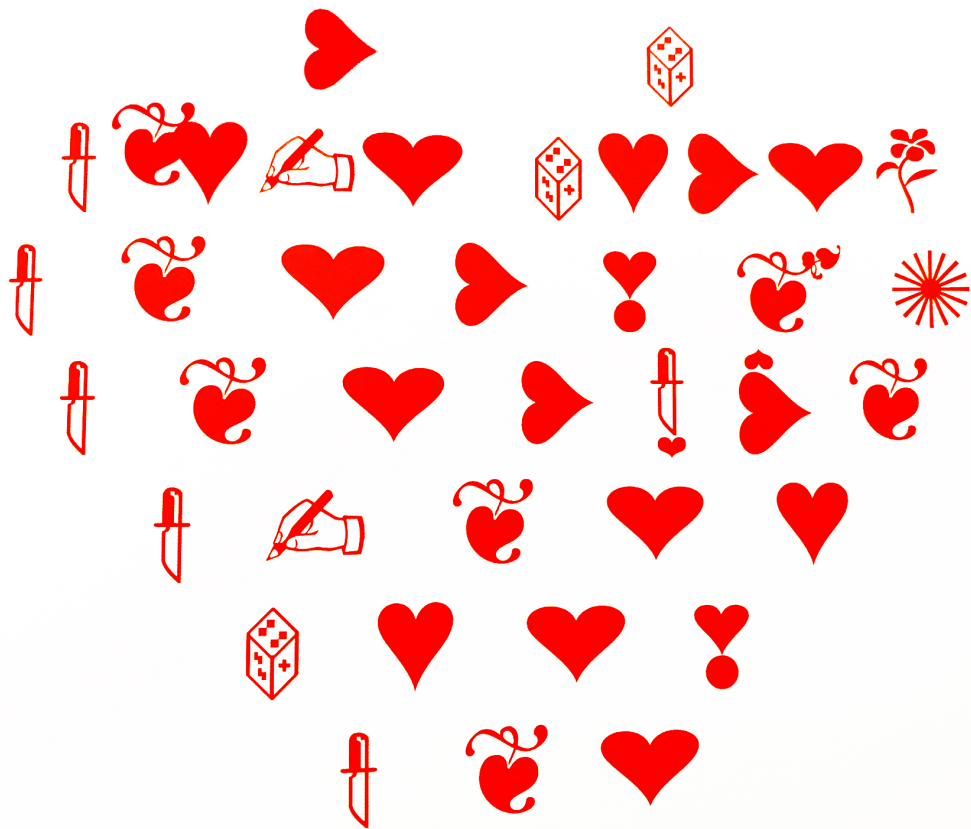
& when we go to a gay bar
& my people shun me because i crossed
the line
& her people look to see what's
wrong with her
 what defect
 drove her to me

& when we walk the streets
of this city
 forget and touch
 or hold hands
 & the people
 stare, glare, frown, & taunt
 at those queers

i remember
 every word taught me
 every word said to me
 every deed done to me
 & then i hate
i look at my lover
& for an instant
 doubt

then—i hold her hand tighter
 & i can hear my mother cry.
 Lord, what kind of child is this?

PAT PARKER



AUGUSTO DE CAMPOS. CRIPTOCARDIOGRAMA.